

EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade : Instituto Politécnico da Guarda

Director : João Raimundo

Redacção : Serviços Centrais do IPG - Quinta do Zâmbito
6300 Guarda * Telf. 222634 * Fax 222690

Composição : Gabinete Editorial do IPG

Execução Gráfica e Impressão : Secção de Reprografia do IPG

Depósito Legal nº 17.981/87

Periodicidade : Semestral

nº X - Julho de 1992

Reprodução total ou parcial proibida

Capa : Vista parcial do edifício do Pólo de Seia do
Instituto Politécnico da Guarda

UM PROJECTO, UMA OBRA...

A edição deste número coincide com o final de mais um ano lectivo e outrossim com o epílogo da nova estrutura física do Instituto Politécnico da Guarda.

Símbolo da modernidade e do progresso, este Instituto é, já no presente, uma resposta credenciada às exigências das próximas décadas e uma via de futuro para os cerca de três milhares de jovens que o irão frequentar a partir de Outubro.

Será, então, ampliado neste estabelecimento de ensino superior o leque de cursos que são indispensáveis à actual e futura conjuntura de desenvolvimento regional, empresarial e industrial, cujo percurso tem de ser pautado pela necessidade de se marcar uma presença digna, activa e de qualidade no cenário europeu.

"Nómadas do mundo, teremos de ser agora sedentários conviventes nesta Europa onde sempre coubemos mal e nunca nos soubemos realizar", como escreveu Miguel Torga.

E esta presença tem sido bem afirmada pelo Politécnico da Guarda, através das suas múltiplas relações com estabelecimentos de ensino congéneres.

Cumpriu-se um projecto. O Instituto Politécnico é uma realidade resultante de um trabalho planificado, de uma ideia assumida, da resposta consciente a objectivos definidos, tendo subjacente a comunidade regional. O IPG é, bem poderemos dizer, uma obra impulsionada pela "força de um sonho inteiro".

João Raimundo

Presidente do IPG

A ARTE DA IRREVERÊNCIA NAS CARTAS FAMILIARES DE CAVALEIRO DE OLIVEIRA*

Anabela Galhardo do Couto**

Francisco Xavier de Oliveira, mais conhecido por Cavaleiro de Oliveira, está longe de ser a expressão mais acabada do Iluminismo Português. Por outro lado, a sua obra literária e ensaística constituída basicamente por cartas, memórias de viagens e opúsculos, de modo algum permite vislumbrar um pensador coerente e original. Donde provém então a capacidade de fascínio que sem dúvida a sua obra contém?

A nosso ver esse fascínio provém do modo talentoso como ele concilia uma personalidade de aventureiro, superficial e irrequieten, com uma actividade de pensador e de escritor. Corroborando a opinião de Artur Portela,⁽¹⁾ diremos que como um Prévost, um Casanova ou um Beaumarchais, Cavaleiro de Oliveira constitui o exemplo acabado do aventureiro típico do século XVIII; isto é, o aventureiro/literato, culto, que de algum modo se serviu da escrita, entre outros expedientes, para sobreviver.

Estamos, pois, perante um aventureiro escritor e um escritor aventureiro com tudo o que isso poderá implicar. O interesse da sua obra reside justamente na ambiguidade que medeia entre o universo do homem de acção, vagabundo e intrépido, e o mundo do erudito. Cavaleiro de Oliveira fez da escrita, como da vida, algo de tumultuoso, irrequieten e insensato.

Noções como *audácia*, *irreverência*, *inesperado* constituem,

* Adaptação da comunicação apresentada no Eight, International Congress on Enlightenment, 1991, Bristol.

** Professora Adjunta da E.S.E.G.

(1) Artur Portela. *Um aventureiro no século XVIII*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1988.

a nosso ver, as chaves de leitura da sua obra que a outra luz, isto é, julgada segundo critérios convencionais, se revelaria de uma incoerência incompreensível. Pensamos que o seu objectivo é, sobretudo, desconcertar, nem que para isso tenha que lançar mão da incoerência, da malícia, da contradição ou do non-sense. Mais do que revelar ou informar, ele visa desestabilizar, abanar. Não será, pois, ao nível dos pensamentos e ideias que iremos encontrar o seu contributo mais interessante.

Ele residirá, muito mais fecundo, na atitude, na postura que sistematicamente desenvolve.

A VIDA

O percurso existencial do Cavaleiro, tanto quanto a leitura das suas *Cartas Familiares* e outras memórias no-lo deixam perceber, foi permeado de incidentes rocambolescos. Como um aventureiro, Cavaleiro de Oliveira foi errante, desenraizado, audacioso e oportunista. Ainda como aventureiro, vagabundeou pelas capitais da Europa — impedido de regressar a Portugal pelo acolhimento negativo que os seus escritos tiveram junto da Inquisição e obrigado a sair de Viena ; tentou golpes de sorte quase sempre mal sucedidos; viveu ocasionalmente à custa de casamentos rendosos mas breves, acumulou dívidas um pouco por toda a parte, acabando em Londres na miséria, amargo e ressentido.

O I volume das *Cartas Familiares* foi impresso em 1740 na Holanda e destinava-se a ser vendido em Portugal, tendo sido o II e o III publicados no ano seguinte. Tinha nessa altura 38 anos e já contava com uma vida lendária de episódios romanescos em Lisboa, dois casamentos — o primeiro com uma portuguesa e o segundo com uma alemã — encontrando-se a caminho do terceiro.

As *Cartas Familiares* reportam-se essencialmente à sua estadia em Viena de Áustria para onde tinha ido em 1734 na mira de um lugar de Secretário do Embaixador. Contudo, o seu ar bon-vivant não agrada ao Embaixador que lhe adia sucessivamente a nomeação. Entretanto, faz sucesso na corte de Viena. Entra na intimidade do príncipe de Cantacuzeno e, sobretudo, na da sua esposa, com quem vive um ardente romance. Como o tempo corresse sem que a sua nomeação se efectuasse e porque a vida dispendiosa que levava era superior às suas posses, tenta um golpe junto do Embaixador, o que o obrigará a abandonar Viena. É nesta altura que resolve publicar as cartas. O volume I vende-se bem em Portugal, mas a sorte interrompe-se já que a censura inquisitorial proíbe a distribuição dos outros volumes. Vai, então, para Londres onde fica até morrer.

As Cartas

Enquanto género, as *Cartas Familiares* inscrevem-se, obviamente, na voga que a literatura epistolar atingiu no século XVIII e na importância que as cartas alcançaram enquanto modo de comunicação e de divulgação de ideias. Por outro lado, enquanto registo de situações comparativas de costumes de três países diferentes (Portugal, Holanda e Áustria), elas não serão alheias à onda de interesse que então se fazia sentir pelas viagens e confronto de civilizações.

De que tratam então estas *Cartas* que preenchem três volumes e que se subintitulam de familiares, históricas, políticas, críticas, sérias e jocosas?

Como o próprio subtítulo indica, parecem versar tudo e mais alguma coisa. Do mais trivial ao mais erudito, passando pelo absurdo e o disparatado, uma diversidade de assuntos, quase inesgotável, é tratada. Evidentemente que o género epistolar apresenta, relativamente a outros modos de expressão escrita, a vantagem de permitir uma abordagem diversificada rápida e superficial de várias questões. Este género convinha perfeitamente à personalidade viva e saltitante do Cavaleiro, já que lhe permitia exercer a sua tendência ensaística de um modo despreocupado e sem grandes exigências de sistematicidade e rigor.

De facto, tudo ali aparece: desde a carta que acompanha a oferta de uma perdiz ou comenta a morte de um gato (de ressonâncias barrocas) até à novidade coscuvilheira; desde a carta de amor e galanteria até à discussão sobre as vantagens ou desvantagens do casamento, ou das mulheres gordas ou magras; da curiosidade científica (influência do clima no comportamento) à história antiga; da crítica da superstição (feitiços, pragas) à reflexão sobre as glórias do mundo. Repertório vasto e avulso que ao mesmo tempo que traduz certas atitudes típicas da época, como a tendência enciclopedista, a atenção minuciosa ao particular, o interesse pelo homem e sua diversidade, o gosto da observação, o interesse científico, a atitude crítica, por vezes exprime, também, uma sensibilidade e mentalidade ainda muito próximas do universo barroco. Neste aspecto, Cavaleiro de Oliveira é um daqueles espíritos que muito dificultam a tarefa do historiador de ideias, pela facilidade com que mudam de opinião e se furtam a ser integrados em categorias estáveis.

Distinguimos três tipos de cartas:

1. Cartas de amor e galanteria

A avaliar pelas *Cartas*, Cavaleiro de Oliveira parece ter sido um galã profissional, e os escritos em que dá azo às suas paixões amorosas preenchem quase um terço do total. Eximio

manipulador de amabilidades e galanteios, acomoda-se aos ares do tempo em matéria de amor. Isto é, adapta-se à inconstância, ao prazer e à leveza. É num tom de reconhecido alívio que constata:

*Muito mais finos do que os nossos antepassados
sabemos gozar dos prazeres sem sentir os
tormentos do amor. (II, carta 2)*

Com aquele distanciamento próprio de um Don Juan, tem tudo devidamente teorizado: diferentes tipos de amor, receitas para a arte de seduzir, requisitos para uma mulher amável, etc.. A sua posição oscila entre o libertino convicto e a atitude pactuante que se compraz com o equilíbrio e a suavidade do matrimónio. Esta posição ambivalente que parece corresponder a uma característica da sua obra será, talvez, neste ponto, o reflexo da sua própria vida oscilando entre pequenos períodos de acalmia proporcionados pelos breves casamentos e longos períodos de celibato.

2. Cartas mundanas

O segundo grupo inclui cartas de carácter estritamente mundano. Nelas transparece a futilidade típica dos meios sociais em que se move: o mundo afectado e diletante dos salões vienenses onde se discute sobre a infidelidade conjugal entre duas garfadas e em que a morte do periquito da condessa de Brille suscita as mesmas atenções que o terramoto de Lisboa. Dotado de uma ironia mordaz e contundente capaz de acentuar o lado ridículo das situações, é nestas cartas que faz desfilar toda uma galeria de tipos sociais com os seus tiques, modas e fraquezas. São as "*assembleias de feias*", as "*formosas de profissão*", os arrivistas, ou seja os bem sucedidos, já que a única qualidade necessária ao triunfo nos tempos que corriam era a audácia. Comenta os quilos de "povilhos" que os senhores usavam para empoeirar as cabeleiras o que provocava, na sua opinião, a subida do preço da farinha. Faz meticulosas explanações acerca do método para atrair amizades importantes, ou de como é possível manter uma conversação espirituosa sendo um ignorante; retrata ironicamente aquela que deverá ser a educação ideal dos mancebos: permanecerem na escola só até saberem soletrar ou até serem capazes de ler os cartazes da ópera, iniciá-los desde logo na vida mundana e na arte de terem uma presença espalhafatosa. Enfim, surpreende-nos com a sua capacidade instintiva para captar o risível e o extravagante, com a sua facilidade em dar uma amostra do seu mundo mediante pormenores insignificantes.

3. Cartas de controvérsia

Aqui reflecte indirectamente a cena dos debates intelectuais da Europa das Luzes. Contudo, em termos das ideias assumidas, Cavaleiro de Oliveira está longe de desenvolver atitudes inovadoras. A questão da liberdade resume-se para ele à questão da liberdade de culto. Em matéria de religião insiste na crítica da intolerância visando sobretudo atingir o Tribunal da Inquisição em Portugal. Em nenhum momento são postos em causa os fundamentos da religião numa perspectiva deísta e o ateísmo é visto como algo aberrante. A atitude crítica consiste fundamentalmente na vontade de "desvanecer as falsas ténèbras" e combater as superstições, fruto da ignorância. Estas ideias de recorte vagamente Iluminista coexistem, lado a lado, com um certo pessimismo, com reflexões morais de tom amargo e barroquisante sobre as falsas glórias do mundo e a vaidade dos homens.

Mas como dissemos no início, o interesse das *Cartas* reside, não tanto na originalidade das ideias para que apontam, como na postura de ousada irreverência que sistematicamente desenvolvem.

A ARTE DA IRREVERÊNCIA

Do início ao fim das suas *Cartas*, Cavaleiro de Oliveira não faz mais do que provocar, desconcertar, "*épater le bourgeois*", em suma, rebelar-se contra séculos e séculos de reverência:

— pelo modo como ri e ironiza acerca de tudo (pessoas, crenças, instituições);

— pelo modo como ilude constantemente os códigos do sério e do frívolo;

— pelo modo como confunde e ludibria completamente o leitor que nunca sabe muito bem em que registo ele se encontra;

— pelo modo como seriamente se compraz no exercício da frivolidade;

— finalmente, pelo modo como ostensivamente ignora contradições e incoerências.

Artista da ironia e da malícia, faz do riso, ora brinçalhão ora insolente, uma constante. Nos inocentes conselhos que dá aos seus interlocutores, esconde-se sempre uma maliciosa sátira. No modo como coloca questões de ordem filosófica ou política há sempre um gracejo, pronto a revelar-se, que imediatamente faz balançar a sua posição inicial. Quando se embrenha numa dissertação sobre qualquer importante questão moral,

imperceptivelmente vai aligeirando até cair no mais desconcertante non-sense. Tem-se sempre um pouco a sensação de nunca se perceber quais os limites do jogo ironia/seriedade que a todo o momento instaura. Os súbitos volte-face, as afirmações mais inesperadas espreitam constantemente com o objectivo, pensamos, de a todo o momento exercer essa forma de terrorismo que é a elisão da fronteira entre o código do sério e do jocoso.

Por vezes suspeitamos que nós, leitores, não somos mais do que simples objectos da sua troça e da sua vontade de nos ludibriar.

Esta suspeita torna-se tanto mais inquietante quanto se alicerça num jogo ilusionista entre autor-como-sujeito-autêntico e autor-como-personagem-fictícia. É sabido que as *Cartas* são uma forma literária íntima e confessional onde supostamente o autor se deverá revelar. No entanto adivinhámos que aqui o sujeito se reinventa e que o personagem Cavaleiro de Oliveira é uma versão substancialmente melhorada do original. De lugar de revelação as *Cartas* convertem-se, então, em lugar de simulação, sem que o leitor possa destrinçar quando começa e termina o artifício.

É também uma forma de desconcertante provocação o modo como Cavaleiro de Oliveira coloca no mesmo plano situações de uma futilidade inequívoca com outras de recorte quase dramático. Por exemplo quando põe no mesmo pé a decisão de uma sua amiga entrar para o convento com o desaparecimento do seu papagaio. A justaposição destas duas situações só pode ser intencional. E, sendo intencional, o seu efeito é acima de tudo o de chocar.

O seu comprazimento cínico na futilidade para além de funcionar como imagem especular da vida dos salões aristocráticos, goza de um entusiasmo acima de tudo provocatório. É mais uma forma de inverter os códigos tradicionais. O profundo surge, lado a lado, com o fútil sem qualquer preocupação de os distinguir em termos de prioridade ou importância. Coexistem, confundem-se, são alvo do mesmo interesse.

Também o modo ostensivo como o Cavaleiro ignora contradições e incoerências repete-se com demasiada frequência para que se veja aí qualquer outra coisa que não um exercício deliberado. Diremos que é propositadamente que ele faz exercício de contradição quando, por exemplo, advoga simultaneamente a apologia e a condenação do casamento. Não será mais do que um outro modo de provocar, de desconcertar, de fazer terrorismo. Sobretudo um pretexto para relativizar o saber, para o despir da sua aura de ancestral dignidade. Esta será, afinal, uma forma de praticar o livre exame, de enunciar a relatividade das coisas.

Ora libertino, ora tradicional, ora frívolo e cínico ora moralista, Cavaleiro de Oliveira é, já de certo modo, a imagem moderna da relatividade.